

UERR: UM MOSAICO DE DIALETOS LINGÜÍSTICOS

Danielle dos Santos Pereira Lima (UERR)

danielle.lima61@yahoo.com

Geanis Silva Gomes (UERR).

geanissilva@gmail.com

Maria do Socorro Melo Araújo (UERR/UFRR).

araujomsocorro@gmail.com

RESUMO

Este trabalho pretende destacar as características que marcam e diferem os dialetos carioca, nordestino, mineiro e gaúcho, variantes que, entre outras, pluralizam a Universidade Estadual de Roraima. O objeto de estudo, dessa produção, é o sotaque, fenômeno inerente à fala. Sabe-se que “a fala tem um caráter emblemático que indica se o falante é brasileiro ou português, francês ou italiano, [...] e, mais ainda, sendo brasileiro se é nordestino, sulista ou carioca.” (CALLOU & LEITE, 2004, p. 7). No que tange ao espaço de pesquisa, pensando em um ambiente que pudesse propiciar a coleta em tempo hábil, optou-se pela escolha da Universidade Estadual de Roraima (UERR), campus de Rorainópolis e Boa Vista, por estes abrigarem, também, em seu âmbito diferentes línguas dialetais. Criada no ano de 2005, tal instituição, foi elevada à condição de Universidade em 2006, com a aprovação de seu estatuto. Trata-se de uma Fundação Pública *multicampi* que, nos dias atuais, oferta vinte e dois cursos de graduação. Cabe a este trabalho, ainda, trazer, embora de maneira sucinta, as respostas para as seguintes problemáticas: por que há essa multiplicidade dialetal em nosso Estado? E como a UERR se transformou em um mosaico de dialetos linguísticos? Quais os fatores histórico, social e linguístico envolvidos nesse processo?

Palavras-chave: Diversidade linguística. Pluralismo. UERR.

1. *Conceitos fundamentais*

É necessário destacar de início conceitos como: língua, fala, dialeto, fonema e alofone. De acordo com a dialetologia, a *langue* é um produto social, pertencente a um grupo de falantes de uma dada comunidade. Já a *parole*, para Terra (1997, p. 16) “é o aspecto individual da linguagem”, e é no ato da fala, segundo Bagno (2007) que aparecem as variantes, “o modo característico de uso da língua num determinado lugar, região ou província.” (p. 48). No que se refere à fala específica de um indivíduo, “as preferências vocabulares, a maneira própria de pronunciar as palavras, de construir as sentenças”, tal autor intitula de *idioleto*. (p. 48).

Sabe-se que falar é um ato exclusivamente humano e, na qualidade de ato, um duplo mecanismo está envolvido: produção e percepção. De acordo com a concepção das autoras Callou e Leite (2009, p. 15), a

produção de sons é estudada de três ângulos diversos: a fonte (o falante); o canal (o aparelho fonador, do qual fazem parte os pulmões, a laringe, a faringe e as cavidades oral e nasal) e o receptor (o ouvinte). Já a percepção, segundo as autoras, envolve a decodificação, isto é, a interpretação das ondas sonoras pelo ouvinte.

Assim,

Os humanos teriam a capacidade de juntar um grupo de sons semelhantes como sendo de um único trato vocal em meio a um ambiente ruidoso, destacando os demais. [...] Da mesma forma que os humanos possuem a capacidade de separar o que é importante de um conjunto de estímulos, possuem também a capacidade de somar outras fontes de estímulos para perceber um sinal único. (PERES, p. 54 e 55).

Além disso, a linguagem humana difere-se dos demais sistemas simbólicos, por exemplo, a linguagem das abelhas, por ser segmentável em unidades menores, denominadas de fonemas. Segundo Callou e Leite (2009), tais unidades, têm um número finito em cada língua (as quais são as consoantes, as vogais e as semivogais); possuem a capacidade de se recombinarem, o que ocasiona mudança de sentido, pois é formado um novo vocábulo, como em *amor* e *Roma*, e estão relacionadas à fonologia. De acordo com as referidas autoras, na óptica do estruturalismo linguístico, o fonema trata-se de um feixe de traços distintivos, que possui função comunicativa. Os alofones, por sua vez, definem-se como a variante de um mesmo fonema, por exemplo, o carioca pronuncia chiando o vocábulo tʃia (africada alveopalatal desvozeada), enquanto o pernambucano fala tia (oclusiva alveolar desvozeada). Veja que se trata de uma mesma palavra, na qual ocorre apenas alofonia.

2. Formação da língua portuguesa brasileira

É sabido que desde a Revolução de Avis (1383-1385), quando Portugal consolidou a sua independência política em relação ao reino de Castela, a língua portuguesa nunca foi homogênea, uma vez que a nação lusitana teve contato com diversos povos, culturas e línguas, a exemplo dos mouros (como eram chamados os muçulmanos na península ibérica).

Sabe-se ainda que a língua portuguesa advém do latim, idioma falado na Península itálica. Com o objetivo de expandir o domínio territorial, os romanos, no século III a. C, conquistaram a Península ibérica – atual Portugal e Espanha. No século VIII d. C, foi a vez dos árabes dominarem a região, acentuando ainda mais as diferenças da língua. Essa

heterogeneidade de línguas deu origem ao galego-português e, só no século XIV, nasce o português arcaico, tendo como marco inicial a *Cantiga da Ribeirinha* de Paio Soares. Nos séculos XV e XVI, através das navegações marítimas, os portugueses conhecem e intitulam o que hoje chamamos Brasil de ilha de Vera Cruz, lugar onde moravam nativos que falavam, em sua maioria, a língua tupi. A priori, a língua portuguesa sofreu influência do idioma local, o tupi, e, logo em seguida, dos dialetos africanos, o que provocou mudanças tanto no vocabulário como na articulação das palavras. Como postula Peres (2011, p. 38) “se a língua for transportada para outro território, com o passar do tempo, haverá diferenças de pronúncia”.

3. *Peculiaridades dos sotaques: carioca, mineiro, nordestino e gaúcho*

Sabe-se que “a pluralidade de falares é fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos da nossa história”. (CALLOU & LEITE, 2009, p. 57).

Diante de tal afirmação, achou-se necessário explicar quais os fatores que contribuíram para diversidade linguística nos dialetos: carioca, mineiro, gaúcho e pernambucano. A princípio cabe formular um quadro comparativo, destacando os casos de alofones percebidos na leitura do poema “Meus oito anos”. Veja:

3.1. A variação fônica dos fonemas: /t/ /tʃ/, /x/ /ɫ/, /w/ /ʌ/

Palavras do poema	Dialetos	Transcrição fonética
Noites; tinha; satisfeito; tirar.	Carioca	[noɪtʃəs]; [tʃĩna]; [satʃĩsfeitɔ]; [tʃĩrax].
	Pernambucano	[noɪtəs]; [tĩna]; [satisfeitɔ]; [tĩrax].
Palavras do poema	Dialetos	Transcrição fonética
Amor; despontar; mar; folgar; colher; tirar; cantar	Carioca	[amox]; [despõtax]; [max]; [fowgax]; [colex]; [tʃĩrax]; [cãtax]
	Mineiro	[amoɪ]; [despõtɔɪ]; [maɪ]; [fowgɔɪ]; [coɫeɪ]; [tʃĩraɪ]; [kãtaɪ]

Palavras do poema	Dialetos	Transcrição fonética
Alma; sol; folgar; descalços.	Carioca	[awma]; [sow]; [fowgax]; [deskawsus]
	Gaúcho	[alma]; [sol]; [fołgar]; [deskalsus]

Observe que no dialeto carioca o /t/ é articulado como uma africana alveopalatal desvozeada, já no pernambucano prevalece a oclusiva dental ou alveolar desvozeada. O /r/ no dialeto carioca é uma fricativa velar desvozeada, enquanto o mineiro pronuncia a retroflexa dental alveolar vozeada. Em relação ao /l/ é vocalizado pelos cariocas e velarizado pelos gaúchos, sendo uma lateral dental alveolar vozeada.

3.2. Autores explicam o porquê dessa variação dialetal

Dialeto carioca: africada alveopalatal /t/	Dialeto pernambucano: oclusiva dental /t/
“Quando a família real portuguesa mudou-se para o Rio, em 1808, fugindo de Napoleão, trouxe 16.000 lusitanos. A cidade tinha 50 mil habitantes. Essa gente toda mudou o jeito de falar carioca. Data daí o chiado no ‘s’, e do tʃ diante de ‘i’.” (CECILIO & MATOS, 2007, p. 8).	A capitania de Pernambuco foi ocupada pelos holandeses, que deixaram como legado palavras que, hoje, parecem tão comum e “natural” em nosso vocabulário, como é o caso da palavra flamengo. (MELLO, 2004).
Dialeto carioca: a fricativa Velar /x/	Dialeto mineiro: a retroflexa alveolar /ɣ/
Geyer & Moosmuller (2001, <i>apud</i> VIOLA, 2006, p. 3) “a produção de fricativas vibrantes é típica da língua Czech (Tcheca) e a fricativa vibrante uvular (do fonema /X/ é descrita como variante /R/, no francês.”	“O dialeto caipira formou-se a partir da mistura entre a língua portuguesa falada pelos bandeirantes; do tupi, falado pela maioria das tribos indígenas e dos africanismos, já absorvidos no léxico dos próprios bandeirantes.” (RESENDE & PAULA, s/d. p. 5-6).
Dialeto Carioca: a vocalização do fonema /l/	Dialeto gaúcho: a velarização do /l/
A variante vocalizada é uma marca bem clara no português falado no Brasil. “A transformação do /l/ em /w/ é algo relativamente comum nas línguas principalmente neolatinas. [...] [Segundo nos relata Malmberg (1954, p. 81-82)] ‘o francês teve antigamente um /l/ velarizado que se transformou mais tarde num elemento vocálico (u) (sic) em consequência da perda da articulação apical.’ [...] Em inglês também há a vocalização da lateral em coda sílaba.” (PINHO & MARGOTTI, s/d, p. 71).	“A preservação da lateral alveolar velarizada na região sul do Brasil pode ser associada, em parte, aos contatos linguísticos com a língua espanhola.” (PINHO & MARGOTTI, s/d, p. 70). [Veja que] “A influência que o Espanhol do Uruguai exerce sobre o Português brasileiro [fica evidente] na variação da lateral pós-vocálica”. (ESPIGA, 1997, p. 36).

Note que a presença marcante de estrangeiros em terras tupiniquins deu (e dá) *performance* à língua portuguesa. De acordo com Sá

(2006 *apud* PINHO & MARGOTTI, s/d, p. 2) os italianos chegaram ao Rio de Janeiro em 1847 e influenciados pelos germânicos, já apresentavam uma variação no *r* vibrante, por isso, na tabela a autora destaca a língua de origem germânica “Czech”. Há, ainda, o ‘R’ forte em que se apresenta, normalmente, fricativo velar no Rio de Janeiro, devido à influência francesa; e velarizado (retroflexo) em Minas Gerais (dialeto caipira), por causa da influência africana e do tupi na língua falada pelos bandeirantes. No que se refere à variante velarizada é própria do português de Portugal, ao passo que a variante vocalizada é uma marca bem clara do português falado no Brasil, exceto no Rio Grande do Sul, em que a articulação dental ou alveolar velar em posição de coda sílaba é fator comum. Isso se deve a fatores históricos, uma vez que as terras gaúchas já foram o desejo da cobiça e da ocupação espanhola, inclusive sendo negociada com Portugal mediante o Tratado de Santo Ildefonso, em 1777 (FLORES, 1998); ressaltando, também, o fato de ser um estado fronteiriço com o Uruguai (outrora, Província Cisplatina do Brasil).

Veja que

A ocupação do território brasileiro não foi fruto de uma colonização bem definida, com metas e normas rígidas. Como consequência disso, nasce a possibilidade de pensar o Brasil como um conjunto de regiões culturais, pois cada uma delas é o reflexo das relações estabelecidas entre os povoadores, os povos nativos e a terra ocupada. Entra aí a demografia histórica os caminhos que os colonizadores percorreram ao ocupar o território nacional e os contatos linguísticos resultantes dessa ocupação. (PERES, 2011, p. 33).

Observe que, de acordo com Peres (2011), o processo de colonização foi responsável por essa heterogeneidade do português brasileiro. Entende-se, assim, que as línguas faladas no presente refletem a história e a cultura da comunidade da qual elas fazem parte.

4. *Roraima: uma colcha de retalhos linguísticos*

Freitas (1998) aponta que vários fatores incentivaram, de modo marcante, a vinda de famílias colonizadoras para o antigo Território Federal e hoje estado de Roraima, entre os quais estão: a abertura de garimpo (na década de 1930), que com o sonho de riqueza fácil pessoas de várias regiões vieram tentar a sorte em Roraima; o projeto de integração nacional promovido pelo governo Getúlio Vargas, a partir de 1943, que fomentava a vinda de imigrantes maranhenses para a região amazônica, que contavam, por exemplo, com passagem para Boa Vista, custeio de hospedagem na capital durante a adaptação; e por fim, a abertura da BR-

174, planejada dentro da política desenvolvimentista da ditadura militar nos anos de 1970, e que liga Manaus a Boa Vista. Ainda de acordo com Freitas

As migrações para Roraima obedecem a levas de imigrações por Estado. Houve época dos paraibanos, dos riograndenses do norte, dos cearenses, pernambucanos, dos piauienses *etc.* Mas, sem dúvida, são os maranhenses os que vieram em maior número. [...]. O sul do Brasil, notadamente, o Rio Grande do Sul e Paraná, nas últimas décadas, tem dado sua contribuição com correntes migratórias fortes. [...]. As características da formação do povo roraimense são um retrato fiel do Brasil, mas com forte predominância nordestina. (1998, p. 34).

Diante dessa concentração de pessoas advindas de outras regiões do país, percebe-se que o estado de Roraima apresenta uma multiplicidade de falares como o gaúcho, o mineiro, o carioca, o nordestino.

Vindos de diferentes regiões e atraídos pela nova “terra da promessa” (do ouro, dos diamantes, dos concursos públicos e das vagas fartas em diversos setores, como saúde, educação e outros), inúmeros imigrantes resolveram arriscar a sorte na terra de Macunáima. “Essas levas de imigrantes trouxeram para a nova terra sua cultura, seus costumes, seu repertório linguístico que foram se adaptando ao novo ambiente em seu contato com falantes também portadores de culturas diversas”. (TÓS, s/d, p. 5). Assim, foi se formando um mosaico de falares em Roraima e, consequentemente, na UERR: do chiado do carioca ao ritmo da fala mineira.

5. Procedimentos metodológicos

A pesquisa desenvolvida é do tipo qualitativa descritiva, pois o foco é descrever, classificar e interpretar os fatos; adotou-se, ainda, a classificação não probabilística por quotas, uma vez que “o objetivo fundamental é selecionar uma amostra que seja uma réplica da população para a qual se deseja generalizar” (RUDIO, 1986, p. 63).

Os dados foram coletados por meio de gravação em áudio (AMR). Um carioca, um nordestino, um mineiro, e um gaúcho fizeram a leitura do poema “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu, em momentos distintos. Somam-se quatro pessoas no total, com faixa etária entre trinta e cinco e quarenta anos, e grau de escolaridade de nível superior, que moram há menos de dois anos no estado de Roraima, e que fazem parte da UERR, sendo dois alunos e dois professores da Instituição.

A escolha do poema deu-se por três motivos: o primeiro, devido

ao tema tratado, ou seja, a saudade da infância: a “aurora da vida”, tempo que não volta mais e que, por isso, acentua a saudade da terra natal. Lembrando que os entrevistados estão longe de seu local de origem e, até mesmo, dos familiares; o segundo, como estratégia de pesquisa, pois o aludido poema traz uma série de palavras que, ao serem pronunciadas, geralmente, ocorrem alofones, o que facilita a coleta de corpus para a análise fonética; e, por fim, tendo em vista uma coleta de dados mais precisa, quis-se desviar a atenção dos colaboradores ao propor a leitura do poema e uma breve descrição do que o poema representa. Assim, eles não souberam que estavam passando por uma análise fonológica, o que, caso contrário, poderia interferir no modo como eles pronunciam certas palavras.

6. Considerações finais

Por serem alterações fonéticas verificadas nas variantes de um mesmo fonema, os alofones não comprometem a comunicação, uma vez que apenas o modo de falar se distingue e não o significado das palavras.

Com relação à diversidade de falares dialetais, sabe-se que foi devido à influência de várias línguas em diferentes regiões brasileiras, por isso tem-se os falares gaúcho, nordestino, carioca e mineiro (dialeto caipira). Os dados mostram que são facilmente perceptíveis as diferenças na pronúncia de cada região estudada. Os cariocas, por exemplo, têm o seu jeito particular de falar o “r”, uma fricativa velar, que contrasta com o “r” mineiro, retroflexa alveolar, bem como os gaúchos e os pernambucanos.

No que se refere à UERR, o que faz dela um espaço “marcante” é o fato de ser contemplada por essa pluralidade linguística, essa mistura de dialetos que singulariza o nosso Estado e que o torna um lugar privilegiado de falares diversos.

Segundo Castilho (2010) pesquisas sociolinguísticas atestam que a variação dialetal não impede a intercompreensão entre os falantes, uma vez que obedece a uma sistematicidade. E bem se sabe que a língua é dinâmica, por isso, não se pode querê-la uniforme.

Ao final deste estudo, concluiu-se que o sotaque está relacionado a fatores históricos e sociolinguísticos envolvidos no processo de formação da sociedade regional, por isso, ele tem um papel importante no processo de mudança fonética para a consolidação do falar regional, culminando nessa multiplicidade linguística do português brasileiro.

Vale ressaltar ainda que esta pesquisa não representa um todo, trata-se apenas de uma amostra significativa da fala dos informantes selecionados para o entendimento da pluralidade de falares que circundam a Universidade Estadual de Roraima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso*. São Paulo: Parábola, 2007.

BASSI, Nívea Zanitti. *Língua portuguesa: suas diversidades e transformações*, 2009.

BELINE, R. A Variação linguística. In: FIORIN, J. *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 139.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CASTILHA, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CECILIO, Sandra Regina; MATOS, Cleusa Maria Alves de. Heterogeneidade linguística no ensino de língua portuguesa. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. *Anais...* Maringá, 2009, p. 2051-2058.

ESPIGA, JORGE Walter da Rocha. *Influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português da fronteira*. Disponível em: <http://antares.ucpel.tche.br/poslet/dissertacoes/Mestrado/1997/Influencia_do_espanhol-Jorge_Espiga.pdf>. Acesso em: 07-06-2013.

FLORES, Moacyr. *Revolução dos farrapos*. São Paulo: Ática, 1998.

FREITAS, Aimberê. *Estudos sociais: Roraima- geografia e história*. 1. ed. São Paulo: Corprint, 1998.

FURTADO, Joacir Pereira. *Inconfidência Mineira: um espetáculo no escuro, 1788-1792*. São Paulo: Moderna, 1998.

GANCHO, Cândida Vilares; TOLEDO, Vera Vilhena de. *Sua majestade o café*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MELLO, Evaldo Cabral de. *Brasil holandês*: São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

PERES, Daniel Oliveira. *O papel da prosódia na identificação das variedades regionais do português brasileiro*. São Paulo: USP, 2011.

PINHO, Antonio José de; MARGOTTI, Felício Wessling. *A variação da lateral pósvocálica /l/ no português do Brasil*. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2010v11n2p67>> Acesso em: 08-06-2013.

RESENDE, Rayne Mesquita de; PAULA, Maria Helena de. *Percursos lexicais do dialeto caipira*. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic-af/trabalhos/RAYNE_MESQUITA_DE_REZENDE.pdf. Acesso EM: 07-06-2013.

RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

TERRA, Ernani. *Linguagem, língua e fala*. São Paulo: Scipione, 1997.

TÓS, Márcia Luciana da Rocha. *O /r/ em início de sílaba e vocábulo no interior de São Paulo e Paraná: Uma visão das influências sócio-histórica na demarcação das isófonas*. Disponível em: <http://anais2012.cielli.com.br/pdf_trabalhos/1231_arq_1.pdf>. Acesso em: 08-06-2013.

VIOLA, Izabel Cristina. Efeito expressivo das variantes estilísticas do /r/. *Revista Intercâmbio*, vol. XV. São Paulo, 2006.